

- O quê!?
- Possuímos oito mil volumes muito raros e preciosos, obras na antiga língua escandinava, e todas as novidades fornecidas todo ano por Copenhague!
- Ah, senhor Lidenbrock, eles percorrem o país. Todos gostam de estudar em nossa velha ilha de gelo, todo fazendeiro, todo pescador sabe ler e lê. Achamos que, em vez de ficarem embolorando numa estante, distantes de olhares curiosos, os livros se destinam a ser gastos pelos olhares dos leitores. Esses volumes passam de mão em mão, são folheados, lidos e relidos, e em geral só voltam à prateleira depois de um ano ou dois de ausência.
- O que podemos fazer? Os estrangeiros têm suas próprias bibliotecas, e, para nós, é mais importante que nossos camponeses se instruam. Repito-lhe, o islandês tem amor pelo estudo. Em 1816, fundamos uma sociedade literária que vai indo muito bem; os cientistas estrangeiros sentem-se honrados de participarem dela; publica livros destinados à educação de nossos compatriotas e presta inúmeros serviços ao país. Se o senhor quiser ser um de nossos membros correspondentes, senhor Lidenbrock, pode estar certo de que nos dará muito prazer.
- Agora, diga-me quais livros o senhor esperava encontrar em nossa biblioteca, e talvez eu possa informá-lo a respeito deles.
- Arne Saknussemm?! O senhor está falando do cientista do século XVI, ao mesmo tempo grande naturalista, grande alquimista e grande viajante?
- Uma das glórias da literatura e da ciência islandesa?
- Um homem mundialmente ilustre?
- E cuja audácia beira a genialidade?
- Ah, não as temos.
- Elas não existem nem na Islândia nem em outra parte.
- Porque Arne Saknussemm foi perseguido por heresia, e suas obras foram queimadas em Copenhague por um carrasco.
- Como?
- Que segredo?
- O senhor teria algum documento em especial?

_ Bem... Espero... que o senhor não deixe nossa ilha antes de esgotar suas riquezas mineralógicas...

— Sim, senhor Lidenbrock. Os trabalhos de Olafsen e Povelsen, executados por ordem do rei, os estudos de Troil, a missão científica de Gaimard e Robert, a bordo da corveta francesa La Recherche', e, nos últimos tempos, as observações dos cientistas da fragata La Recne Hortense (A rainha Hortênsia) contribuíram muito para o reconhecimento da Islândia. Mas tenho certeza de que ainda há muito por fazer.

_ Sim, quantas montanhas, geleiras e vulcões pouco conhecidos ainda há para estudar! Por exemplo, veja aquele monte que se ergue no horizonte. É o Sneffels.

_ Sim, é um dos vulcões mais curiosos, cuja cratera é raramente visitada.

— Ah, extinto há quinhentos anos.

— Sneffels.

— Lamento... que minhas ocupações me impeçam de ausentar-me; teria o maior prazer em acompanhá-los.

_ Recomendo-lhe vivamente que comece por esse vulcão, senhor Lidenbrock. Conseguirá colher um grande número de observações interessantes. Mas, diga-me, como espera alcançar a península de Sneffels?

— Com certeza, mas impossível.

— Porque não dispomos de um único bote em Reykjavik.

_ Será necessário seguir por terra, beirando o litoral. O trajeto é mais comprido, mas mais interessante.

— Justamente tenho alguém para oferecer-lhe.

— Um habitante da península. É um caçador de êider muito hábil, perfeito para vocês. Fala correntemente o dinamarquês.

— Amanhã, se quiser.

— Ele só chega amanhã.

—